

As Crianças da Roda do Porto: aspetos familiares e afetivos (1700-1705)

Érica Ariana Castro Silva

ericacastroa16@gmail.com

Resumo

A Casa da Roda da cidade do Porto tornou-se um observatório das diversas dinâmicas assistenciais, sociais e familiares, no qual se evidenciam mecanismos de resposta a determinados contextos, como é o caso da exposição de crianças. Usando fontes de informação produzidas por esta instituição, para um período entre os anos de 1700 e 1705, num exercício metodológico replicável para períodos mais alargados, em particular os registos inscritos nos Livros de Entrada e Livros de Saída, exploram-se as particularidades das informações contidas naquelas fontes, possibilitando uma reconstituição do complexo mundo das relações emocionais que se estabeleciam entre os diferentes indivíduos envolvidos neste processo de exposição e assistência a estas crianças.

Palavras-chave:

Casa da Roda do Porto, crianças, expostos, infância, amas de leite, relações emocionais

Abstract

Around the aid provided by the Casa da Roda, in Porto, we can find a stage where we can see the social and family dynamics, and the mechanism used by these in response to certain contexts, such as the “abandonment” of a child. Using the sources of information produced in the context of this institution, between the years of 1700 and 1705, in particular the entry records (Livros de Entrada) and exit records (Livros de Saída), we will explore the aid to the foundlings, considering the tendencies of these processes and the characteristics of these children. The nature of this assistance to the foundlings, as well as the particularity of these sources will allow us to explore the complex world of the emotions relationships that would be established between the different people involved in the process of abandonment and aid to these children.

Keywords:

Casa da Roda of Porto; child abandonment, foundlings, childhood, wet nurses, emotional relationships

Introdução

A infância representava, num quadro demográfico de Antigo Regime, marcado por uma elevada mortalidade infantil, um período incerto, de luta permanente para sobreviver aos vários perigos a que se encontrava sujeita, desde contração de doenças, falta de higiene, problemas de nutrição, maus-tratos corporais, e outros. No caso dos expostos, esta realidade era ainda mais precária, estando estas crianças submetidas a vários riscos (falta de alimentação, de agasalho, de abrigo, etc.), condenados a uma mortalidade precoce e excluídos dos seus contextos familiares de origem. A sua sobrevivência dependia, então, de mecanismos ativos e, certamente, do conceito, à época, do que representava uma criança.

Ao longo dos diversos períodos históricos e dos diversos contextos, o modo como a criança era vista e o lugar que esta ocupava na família e na sociedade foi-se alterando (Leandro, 2006). De acordo com Philippe Ariès, terá apenas sido no decorrer do século XVIII que se começou a reconhecer as características particulares das crianças e as suas necessidades, o que proporcionou uma mudança no modo de ver, tratar e se relacionar com aquelas, provocando uma alteração no lugar que ocupavam na organização familiar e na sociedade. Apesar do reconhecimento destas particularidades e do surgimento de uma maior preocupação com a criança, diversos autores, nomeadamente Philippe Ariès e Elisabeth Badinter apontam para a existência simultânea de um processo psicológico no qual as famílias, devido à elevada mortalidade e à forte possibilidade de morte de uma criança, se procuravam afastar e desapegar emocionalmente, nos primeiros momentos de vida, de modo a evitarem o sofrimento emocional, caso existisse uma perda (Ariès, 1981; Badinter, 1985).

Para compreender estas realidades, é necessário integrar as crianças num contexto familiar, dado que é neste espaço, também biológico (pai e mãe) que se estabelecem diferentes tipos de relações entre os seus membros e onde se aplicam modelos comportamentais, sendo a família a unidade básica de organização da sociedade

(Hespanha, 1993; Leandro, 2006). Ora, as crianças expostas, por terem sido excluídas da sua família de origem, são apresentadas, muitas vezes, como marginais ou como indivíduos que existem isoladamente. Contudo, na realidade, e ainda que, de facto, estas crianças tenham sido removidas do seu enquadramento familiar original, elas integravam-se na sociedade, de diversos modos, estabelecendo relações quando eram incluídas no contexto familiar das amas que as cuidavam, ou então, aos sete anos de idade, integrados pelo meio do trabalho (Machado, 2018). Estes contextos são essenciais para compreender as vivências destas crianças, dado que um indivíduo nunca pode ser considerado sem ter em conta as redes familiares e de familiaridade à sua volta.

Conforme o campo da historiografia das emoções foi evoluindo, as concepções universalizantes, que assentavam numa ideia de imutabilidade de certos aspetos da humanidade ao longo do tempo e do espaço, neste caso, das emoções, que permitia a aplicação de teorias psicológicas atuais em realidades do passado começaram a ser questionadas (Barclay, 2021; Rosenwein, 2010). No seu lugar, implementar-se teorias que têm por base o construtivismo social das emoções, de acordo com as quais existem regimes emocionais (Dixon, 2023), particulares a cada comunidade emocional (Barclay, 2021), cujos contextos sociais e culturais são condicionantes das vivências emocionais de um grupo (Rosenwein, 2010), e que apenas através desta lente podem ser estudadas e compreendidas²⁴⁰.

A consideração das dimensões afetivas em estudos de natureza histórica traz uma outra dimensão para o estudo de diversas áreas, permitindo aceder a um nível mais profundo de conhecimento do passado e das experiências dos seus atores. Dentro das temáticas que aqui se propõem explorar, e da forte dimensão emocional a elas associadas, abordar as perspetivas afetivas surge não apenas como um interessante ponto a explorar, mas também como necessário para uma compreensão mais completa desta realidade.

Assim sendo, o nosso primeiro objetivo é o de explorar as tendências e variações da exposição de crianças na Roda do Porto, procurando caracterizar as crianças que davam entrada nesta instituição e as suas particularidades, seguindo-as ao longo dos vários percursos pela Roda, de modo a explorar o funcionamento desta instituição e o

²⁴⁰ Apesar de, ao longo deste trabalho, termos em consideração algumas investigações realizadas no presente, existiu sempre o cuidado de nunca aplicar diretamente estes modelos de pensar e sentir atuais ao passado, sendo estes usados, apenas para elucidar e trazer alguns aspetos para esta discussão.

acolhimento destas crianças. Num segundo momento, iremos procurar explorar e tentar compreender, tendo por base a informação tratada e recolhida anteriormente, o modo como se estabelecem relações entre os vários intervenientes (desde as crianças, aos familiares que as deixam na Roda, até aos que as tratam e acolhem) nos processos de exposição e assistência a estas crianças, em particular o tipo de ligações emocionais que se poderiam, ou não, formar.

1- A Casa da Roda do Porto e a Assistência aos Expostos

A assistência às crianças expostas não surgiu quando as Rodas foram criadas, em finais do século XVII, existindo, antes disso, mecanismos que pretendiam assegurar o cuidado destas, destacando-se figuras como o pai dos meninos ou a mãe dos enjeitados, que se responsabilizavam por recolher e encaminhar estas crianças para amas (Sá, 1987). No entanto, perante um aumento do número de expostos, que se começa a verificar por volta do século XVII, devido à evolução das condições económicas, dos contextos sociais e das mudanças demográficas, as Casas da Roda começaram a surgir com o intuito de assistir e dar apoio a estas crianças, com o objetivo de aproveitar o potencial demográfico destas, assim como serem uma opção alternativa ao infanticídio (Sá, 1987). A par destas instituições, desenvolveram-se mecanismos legais que, por um lado, organizavam e dirigiam o surgimento deste tipo de assistência e que legitimaram a legalidade e o anonimato deste processo²⁴¹, assegurando que não existiria qualquer tipo de punição ou exigência de explicações por parte dos familiares destas crianças.

Em finais do século XVII, quando surgem diversas Casas da Roda por todo o reino, aparece também a Roda do Porto, situada na Rua dos Caldeireiros, que entrou em funcionamento em 1686. No momento de fundação desta instituição, competia à Câmara as funções administrativas e de financiamento. No entanto, e como aconteceu noutros locais, as Misericórdias envolveram-se neste tipo de assistência (Alves e Moreira, 2009; Sá, 1987). Desde cedo, foram realizados contratos entre a Câmara e a Misericórdia do Porto, existindo uma tutela partilhada entre estas duas entidades, na qual a Santa Casa assumia as responsabilidades pela administração da Roda e pelo cuidado destas crianças, enquanto a Câmara mantinha a responsabilidade de cobrir as necessidades financeiras da

²⁴¹ Para explorar este aspeto em profundidade, veja-se Sá, *Isabel- Abandono de Crianças, Infanticídio e Aborto na Sociedade Portuguesa Tradicional através das fontes jurídicas*. Penélope: revista de história e ciências sociais. Nº 8 (1992) p. 75-89.

instituição, que eram consideráveis, recorrendo às rendas concelhias (Alves e Moreira, 2009; Sá, 1987; Abreu, 2008).

A Roda do Porto desenvolveu um modelo de organização interno, com uma estrutura e um conjunto de funcionários que refletiam a própria Misericórdia (Sá, 1987; Alves e Moreira, 2009), que se foi complexificando e adaptando ao longo do tempo, de modo a responder às necessidades e ao aumento do número de expostos. Esta organização manteve-se até 1838, quando foram introduzidas mudanças no modelo assistencial que alteraram fundamentalmente esta realidade, quando a responsabilidade pela Roda, tanto administrativa como financeira, voltaram a estar a cargo apenas da Câmara Municipal. A partir deste momento, iniciou-se uma alteração no modo de ver a exposição de crianças, que começou a ser mais controlada, culminando na sua criminalização (Alves e Moreira, 2012).

De modo a compreender as realidades que serão analisadas mais à frente, vejamos, muito resumidamente, qual era o percurso das crianças expostas quando davam entrada na Casa da Roda, em parte apresentado nalguns estudos (Sá, 1987). Após serem deixadas no edifício da Roda, num tambor rotativo que lhe confere o nome, estas crianças eram recolhidas imediatamente por amas que estavam presentes, permanentemente, no edifício. Estas, o mais cedo possível, tinham a obrigação de levar as crianças a serem batizadas (*sub conditione*, porque desconheciam se tinha já recebido este sacramento) e registar a sua entrada, nos Livros de Entradas. A permanência no edifício da Roda era o mais curta possível, porque se procurava que as crianças fossem entregues a amas de fora que as levavam para suas casas e se encarregavam da sua criação, sendo esta informação assente nos Livros de Saídas. Em situações normais, a Casa da Roda encarregava-se da criação destes expostos até aos sete anos de idade, quando estas iniciavam a aprendizagem de um ofício, devendo passar, então, para a responsabilidade do Juiz dos órfãos, o que, na verdade, não se verificou, estando a Roda e a Misericórdia envolvidas no processo de atribuir a estas crianças um ofício (Alves e Moreira, 2009).

2- Fontes de Informação e Metodologia

Ao longo de todo este processo assistencial, quer por motivações de assegurar a identificação destas crianças, eventualmente reivindicadas num futuro pelos mentores da exposição, e onde estas se encontravam, quer por motivos administrativos e de gestão

financeira da Roda, era feito um registo cuidadoso e detalhado em torno destas crianças e da ação desta instituição. Estas fontes constituem uma verdadeira “base de dados” à época, completa e com uma organização louvável, com um método de referenciação que permitia conectar as informações entre os diversos livros e registos desta instituição a partir de um número identificador que acompanhará, sistematicamente, a criança exposta. Estes registos, em particular os registos de Entrada²⁴² e de Saída²⁴³, são as fontes centrais usadas no desenvolvimento deste trabalho. Por isso, vejamos algumas das suas características, bem como possíveis limitações de utilização.

Os Livros de Entrada compilam registos individuais, criados para cada criança quando esta dava entrada na Roda. Nestes, está presente informação acerca da data e hora de entrada na instituição, ou local onde eram encontrados, caso não tivessem sido deixados de imediato no edifício da Roda, a descrição de objetos, caso estes estivessem presentes, como enxovais ou sinais de identificação, bem como a transcrição dos bilhetes que muitas vezes eram deixados com estas crianças. Estaria, também, presente informação acerca da data do batismo e nomes dos padrinhos e, ocasionalmente, outras informações adicionais, como algumas características ou particularidades destas crianças. Nas margens dos registos de entrada, encontram-se presentes referências que remetem para o livro e o fôlio onde se encontra o registo da criança no Livro das Saídas. No entanto, muitas vezes, estas referências não estavam presentes, por falecimento das crianças antes de terem a possibilidade de saírem da Roda, estando, em seu lugar, informações acerca das datas e locais de morte destas crianças.

Os registos de Saída eram criados quando as crianças saíam da Roda e passavam para o cuidado de uma ama de fora. Aqui, deparamo-nos, de modo idêntico ao que acontece nos registos de entrada, com uma referência ao local onde se encontra a informação de entrada das crianças. Estes registos são constituídos pela informação das amas que se encarregavam destas crianças, os seus nomes, informação dos maridos, e, caso fosse solteira, por vezes, dos pais, e respetiva morada. Após estas informações aparecem, sistematicamente, de três em três meses, os registos de pagamento a estas amas, feitos após a apresentação de uma certidão que comprovasse o bem-estar da criança (estar

²⁴²Arquivo Distrital do Porto (ADP)- Casa da Roda- Assistência aos expostos- Entradas (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/002).

²⁴³ ADP- Casa da Roda- Assistência aos expostos- Saídas (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/003).

viva e bem tratada) ou da apresentação da própria criança. Nestes, estão ainda presentes informações relativas à morte, retoma ou o fim da criação destas crianças.

Estas fontes apresentam-nos, então, uma quantidade considerável e um conjunto muito variado de informações. No entanto, é necessário ter em conta algumas das limitações que estas podem possuir. Primeiramente, estes registos não eram produzidos no momento exato em que a criança entrava na Roda, existindo um hiato entre o momento de entrada e o momento em que se fazia o registo, lacuna que se manteve até 1768, altura em que passou a existir a Diretora ou Ama Seca, que, entre outras funções, fazia o registo imediato das informações acerca das crianças, no momento em que entravam na Roda (Alves e Moreira, 2009; Sá, 1987). Este espaço de tempo possibilitava a existência de vários tipos de lacunas na informação registada, que poderiam ser causadas tanto por esquecimentos e confusões acidentais por parte das amas, que poderiam trocar ou confundir as crianças, os objetos e informações associados, existindo ainda casos de roubos, por parte destas mesmas amas, de objetos que eram levados com as crianças (Sá, 1985).

Os produtores desta informação eram os Provedores da Roda, que ocupavam um cargo de duração anual, o que impactou o tipo de conteúdo e a qualidade de informação que era registada porque dependente da competência de cada Provedor. Com efeito, a leitura das fontes torna evidente a existência de provedores que faziam registos muito mais detalhados, enquanto outros pareciam deixar de parte alguns aspetos, registando apenas as informações que consideravam principais. Nota-se esta irregularidade na descrição dos objetos e enxovais levados com estas crianças, que, nos registos realizados por alguns provedores eram frequentes e detalhados, e noutros eram muito simples, senão mesmo inexistentes.

Sendo que os bilhetes deixados com estas crianças são um objeto central para atingir os objetivos definidos, é necessário ter em conta alguns aspetos que condicionam, igualmente, a sua análise. O acesso aos bilhetes não é feito de forma direta, mas sim através das transcrições presentes nos registos de entrada. Sendo uma transcrição, esta depende da interpretação de quem a fez, podendo haver erros ou alguns aspetos mal compreendidos. Além disso, nem sempre era feita uma transcrição completa dos bilhetes, sendo isto mencionado explicitamente em alguns casos, o que nos suscita a dúvida da sistemática transcrição ser total ou não. Por outro lado, como alguns investigadores

sugerem, a informação contida nestes bilhetes nem sempre seria verdadeira, mas manipulada por parte dos que escreveram essas notas (Reis, 2016).

3- O Movimento de Entradas na Casa da Roda do Porto

Iniciaremos esta exploração com o momento em que estas crianças davam entrada na Roda do Porto e as características que marcavam estes expostos. O número de entradas na Casa da Roda sofreu variações ao longo dos anos, sendo este valor dependente de diferentes fatores, como o número de nascimentos, as condições económicas particulares de um determinado momento ou particularidades das famílias de origem de uma criança, sendo ainda influenciado pelo número de crianças que eram levadas do exterior da cidade. Com efeito, a Roda do Porto não recebia exclusivamente crianças do espaço portuense. Esta surgia como um grande centro de assistência e, por esse motivo, atraía crianças de toda uma zona circundante, quer porque não existiam Rodas nesses locais, quer porque se acreditava que esta, sendo maior e mais central, teria melhores condições de sustentar estas crianças (Sá, 1992; Alves e Moreira, 2012). Dado que este trabalho apenas se foca num período de seis anos, torna-se impossível estabelecer um padrão ou tendência que, num período de análise mais longo se tornasse evidente, podendo, no entanto, ser observadas algumas variações. Seja como for, procura-se testar uma metodologia de análise da informação reunida.

Olhando para as variações anuais do número de entradas na Roda do Porto, o ano de 1700 apresenta um total de 105 entradas, quase duplicando em 1701, quando o número de registos subiu para um total de 190, valor não mais atingido nos anos seguintes, embora próximo em 1703. Nos anos seguintes, foram existindo variações nos números de

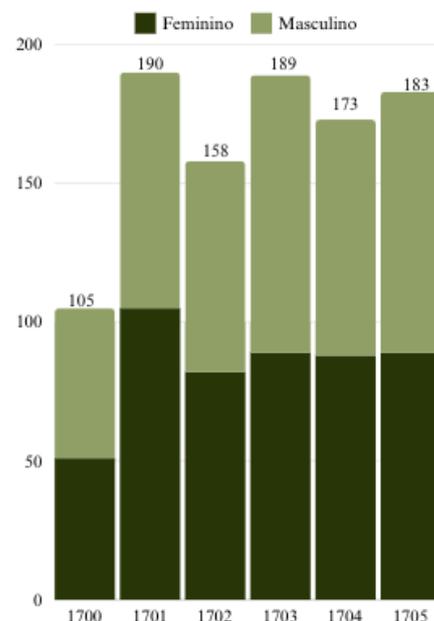


Figura 12- Número total de Entradas na Roda, por ano, com distribuição por sexos

entradas, nunca baixando os valores de 1700²⁴⁴ (Fig. 1). Estamos, então, perante um total de 998 entradas na Casa da Roda do Porto, entre os anos de 1700 e 1705. Destaca-se, no entanto, que o número de entradas não correspondia exatamente ao número de crianças que davam entrada na Roda. Por vezes, uma criança entrava na Roda mais do que uma vez, e se, em certos casos, as amas eram capazes de reconhecer e identificar estas crianças, e esta informação constava nos registos, existe a possibilidade de haver casos em que isto não acontecia. No que diz respeito às variações mensais, não parece existir nenhum padrão reconhecível, variando muito os valores de mês para mês e entre os vários anos. No entanto, e mais uma vez, aqui apenas temos em conta um período temporal reduzido, que pode não permitir a análise de certos padrões.

O modo mais comum de dar entrada na Casa da Roda era, efetivamente, deixando estas crianças no próprio edifício. No entanto, ainda que o número de casos fosse reduzido, apenas vinte casos do total das entradas, algumas destas crianças eram encaminhadas para a Roda após terem sido abandonadas noutros locais, em sítios de fácil acesso e onde fossem rapidamente encontradas, muitas vezes em espaços de devoção religiosa²⁴⁵, sendo levadas para a Roda por terceiros. Uma outra forma destas crianças chegarem a esta instituição era por *ordem da meza*, ou seja, maioritariamente, quando, por algum motivo, as mães das crianças davam entrada numa instituição da Misericórdia e acabavam por morrer²⁴⁶. Entre 1700 e 1705 verificaram-se catorze casos deste tipo.

Os nomes destas crianças, como veremos mais à frente, em muitos dos casos, eram atribuídos pelos familiares que as deixavam na Roda, surgindo, normalmente, escritos num bilhete ou sendo ditos oralmente às amas. Quando as crianças eram deixadas na Roda sem nenhum nome atribuído, era-lhes colocado, sistematicamente, o nome de um dos padrinhos e, em alguns casos, o nome de santos quando as crianças eram deixadas nos

²⁴⁴ Nota-se que, tendo em conta as tendências dos anos anteriores, o valor que se regista no ano de 1700 é uma exceção ao movimento crescente de entradas que se vai verificando, sendo que nos dois anos anteriores os valores correspondiam a 137 entradas em 1698 e a 140 em 1699.

²⁴⁵ Exemplo de uma criança deixada num local com alguma ligação com o religioso: “*Em 25 do dtº se achou hum menino a porta de nossa S^{ra} da Vitória, e se recolheu na Roda[...]*” - Registo de Entrada de Phelippe-ADP- Livro de Entradas N^o 1- fl. 185v..

²⁴⁶ Caso que demonstra o que acontecia na maioria dos casos em que uma criança entrava na Roda por ordem da mesa: “*Em 27 de Fevrº de 1700 entrou na Roda hum menino por ordem da meza q tinha já quatro annos, a ficar no hospital aonde lhe morreu a may[...]*” - Registo de Entrada de João-ADP- Livro de Entradas N^o 1- fl.18.

seus dias de devoção. Para os anos em estudo, não parece existir uma grande diferenciação por sexos. Ainda que, de facto, na totalidade dos anos em estudo, se verifique um maior número de meninas expostas, esta diferença é bastante reduzida (apenas de dez crianças). Além disto, em metade dos anos, a quantidade de meninos a dar entrada na Roda foi superior ao de meninas (em 1700, 1703 e 1705) (Fig. 1). Ainda que, de facto, para a maioria dos casos não existisse informação (64%), a partir dos bilhetes, podemos saber se estas crianças se encontravam ou não batizadas quando eram expostas. Nos casos em que esta informação se encontra presente, 15% das crianças que entravam na Roda não eram batizadas, 15% iam já com este sacramento e 6% tinham sido exempladas²⁴⁷ antes de serem deixadas na Roda.

A idade que estas crianças possuíam no momento de entrada é um dado mais difícil de abordar, uma vez que nem todas as entradas, ou registos posteriores, atribuíam uma idade certa ou por aproximação a estas crianças. No entanto, existem algumas situações em que era feita referência e é com base nessa informação que se explorou esta questão. Efetivamente, da totalidade de registos, apenas 256 possuem algum tipo de informação acerca da idade das crianças. É, com base nesta amostra que se fizeram os cálculos apresentados: verificámos que a grande maioria destas crianças era exposta nos primeiros momentos de vida, havendo um grande número de bebés deixados no dia ou poucos dias após o seu nascimento. Quanto mais tempo passava após o nascimento, menor se torna o número de exposições. No entanto, existiam crianças que davam entrada na Roda com uma idade mais avançada, em alguns casos já com vários anos, ainda que, de facto, esta seja uma realidade menos comum. Parece-nos que existia uma tendência para as crianças com idade mais avançada serem sistematicamente indicadas, quer a idade real quer por aproximação, permitindo-nos colocar a hipótese de que todas as crianças que não possuíam menção da idade fossem crianças muito novas, não havendo, deste

²⁴⁷ Batismo dado, de forma não oficial, a uma criança que se encontrava em situação de perigo, para assegurar a salvação da sua alma.

modo, necessidade de mencionar a idade destas. No entanto, não foi encontrada nenhuma evidência concreta que pudesse justificar esta possibilidade (Fig. 2).

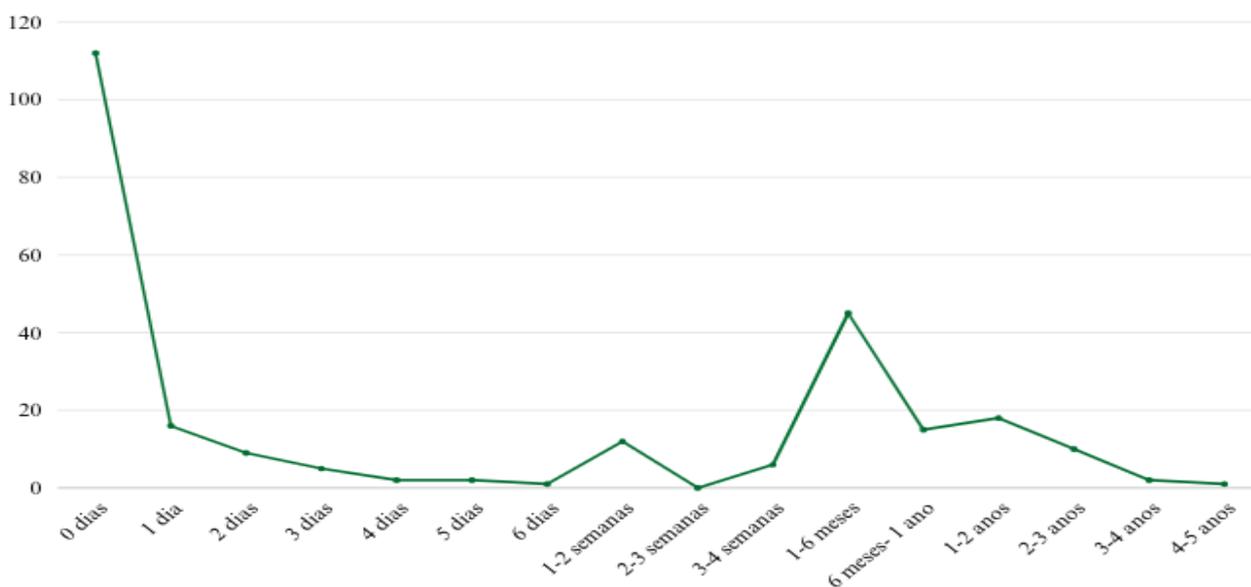


Figura 13- Idades das crianças no momento em que davam entrada na Roda

Em alguns destes registos surgem referências a outros aspetos relativos à exposição ou características destas crianças. Nuns casos, era feita a exposição de mais de uma criança, ao mesmo tempo. Para o período de 1700 a 1705, registou-se a entrada de seis pares de gémeos²⁴⁸ e um par de irmãos, incerto se eram, ou não, gémeos. Noutros casos, deparamo-nos com informações relativas à cor da pele e possível ascendência étnica destas crianças, com o registo, para o período em estudo, de nove crianças caracterizadas como mulatas²⁴⁹. Por fim, verifica-se a presença de quatro crianças que

²⁴⁸ Registo de duas crianças, gémeas, que deram entrada na Roda: “*Em 8 de Fevr° de 1701 a noute se pozera na Roda hu menyno e hua menyna, ambos de hu ventre[...]*” - *Registos de entrada de Joseph e Maria-ADP- Livro de Entradas N° 1- fl. 200v.*

²⁴⁹ Um dos casos em que o registo menciona a etnia de uma criança: “*Em 28 do d° pella 6 horas da noute entrou na Roda huma menina mulata q mostrava ter hum anno sem escrito nem sinal[...]*” - *Registo de Entrada de Catherina-ADP- Livro de Entradas N° 1- fl. 249.*

foram descritas como possuindo algum tipo de deficiência física²⁵⁰ ou problemas de teor psicológico²⁵¹.

Ao entrarem na Roda, por vezes, os expostos iam acompanhados de objetos, desde os bilhetes escritos pelos familiares, já referidos, a sinais identificadores, enxovais, assim como outros objetos. No que diz respeito aos bilhetes, o seu conteúdo será abordado com maior profundidade mais à frente neste trabalho. Em termos gerais, uma parte considerável destas crianças, 48%, levava consigo um bilhete. Estes eram, predominantemente, escritos num pequeno pedaço de papel, existindo, no entanto, uma minoria, um total de sete casos, de bilhetes que eram ditados pelas pessoas de fora da Roda para as amas que recebiam as crianças. A presença de enxovais e outros objetos é mais difícil de analisar, tendo-se verificado falhas no seu registo, assunto que será tratado adiante, destacando-se apenas que 9% dos registos de entrada possuíam descrições diretas de outros objetos e enxovais. No que diz respeito aos sinais, que também iremos focar adiante, 53% destas crianças iam acompanhadas de elementos identificadores.

4- Saída para as Amas de Fora

A entrega das crianças a uma ama de fora era uma prioridade e devia ser feita o mais rápido possível após a entrada na Roda. Sabe-se que a saída destas crianças não era feita pela ordem de entrada, existindo algum método de seleção ou escolha que, no entanto, não conhecemos ao certo. Existe a possibilidade de que as amas de fora poderiam escolher as crianças que levavam consigo (Sá, 1987), ideia que é suportada pelo facto de existirem casos em que estas amas amamentam os seus próprios filhos, após os terem exposto na Roda. Além disto, sabe-se que a falta de amas de fora era uma realidade comum, o que, evidentemente, impactava o ritmo a que estas crianças saíam desta instituição e os seus tempos de espera. Tendo estas ideias em conta, como era suposto, a maioria destas crianças passavam um período curto no edifício da Roda antes de serem entregues às amas de fora, algumas delas apenas alguns dias, outras tendo um período de

²⁵⁰ Exemplo de uma criança que possuía uma deficiência: “*Em o p^{ro} de Mayo p^{las} 9 horas da noute entrou hum menino na Roda e he aleyado dos pes e não trazia escrito nem sinal[...]*” - Registo de Entrada de Joseph- ADP- Livro de Entradas Nº 1- fl. 185.

²⁵¹ Caso de uma menina descrita como mentecapta- “*Esta menina he mentecapta...*” Registo de Saída de Josepha- ADP- Livro de Saídas nº5- fl. 447.



Figura 14- Tempos de espera das crianças até serem entregues á primeira ama de fora

espera que se alargava para algumas semanas. No entanto, e ainda que seja uma realidade com uma representatividade reduzida, verificaram-se alguns casos de crianças que ficaram na Roda durante períodos bastante prolongados, de alguns meses, sem sabermos exatamente qual o motivo, não sendo possível, nesta amostra, distinguir nenhum padrão explicativo (Fig.3).

Seria esperado que, após ser entregue ao cuidado de uma ama, a criança permanecesse a seu cargo até ao fim do período tutelar da Roda. De facto, na maioria dos casos estas crianças possuíram apenas uma única ama ao longo da sua passagem por esta instituição. No entanto, existem outros casos onde estas crianças passavam por mais do que uma ama, sendo que o número máximo, no período em análise, são quatro amas (Fig.4). As mudanças de ama podem ter diversas motivações, desde o simples fim do período contratual e não existir interesse em continuar a cuidar da criança, devido a problemas com a própria ama, como a falta de leite, doença ou mesmo a sua morte, quer por doença da criança ou por esta se encontrar *mal criada*²⁵².

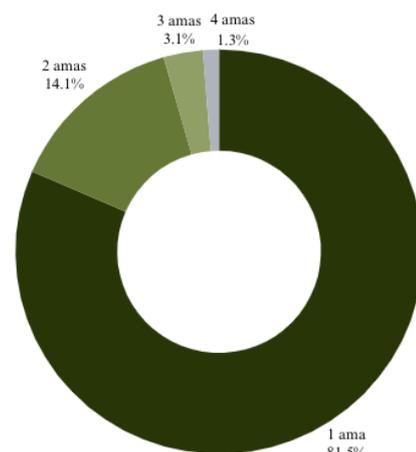


Figura 15- Número total de amas pelas quais estas crianças passaram

²⁵² Este é um termo que aparece com alguma frequência, associando-se a uma falta de cuidados básico com esta criança, como a alimentação ou a higiene.

Um outro aspeto que é necessário ter em conta é o tempo de permanência destes expostos com as amas, sendo que se podem destacar duas grandes tendências: crianças que passavam períodos relativamente curtos com as amas e as que ficavam no cuidado das amas durante períodos longos. Um importante fator que determinava a longevidade da estadia com uma ama era a mortalidade infantil. Como se explorará mais a frente, a mortalidade era considerável, e muitas das crianças faleciam, já no cuidado de uma ama de fora, ainda com pouca idade, razão pela qual o tempo de permanência nas amas e os valores da mortalidade se acompanhavam. Então, o grupo de crianças que permanecia por períodos mais curtos ao cuidado das amas, era o grupo daquelas que morriam muito cedo, assim como aquelas que, por algum dos motivos já acima mencionados, tinham de ser dados a criar a outra mulher. Em contraste, existem crianças que ficavam com as suas amas durante períodos muito longos, sendo estas as que sobreviviam à arrasadora mortalidade infantil desta época, chegando a passar vários anos da sua vida, senão a totalidade da sua infância ao cuidado da mesma ama.

Deve-se ainda considerar, dado a frequência com que esta realidade surge nos registos, o facto de que nem todas estas crianças possuíam uma ama só para si, sendo que encontramos²⁵³, com alguma frequência, a referência a outras crianças que estas amas possuíam em seu cuidado, o que evidencia a permanente falta de amas que se verificava, sendo que isto poderia impactar o tipo e a qualidade dos cuidados que estas crianças recebiam. A existência de crianças *mal criadas* era também um aspeto que estava presente em vários casos. Se, algumas vezes, isto aparece referenciado e as crianças eram tiradas da posse das amas²⁵⁴, a verdade é que existem vários casos nos quais apenas se refere esta informação, mas a criança continuava no poder dessa mesma ama, o que, novamente, evidencia a falta destas cuidadoras e impossibilidade e entregá-las a outras.

5- Fim da Tutela da Roda

²⁵³ Estas informações encontram-se presentes nas margens dos registos de saída, sendo referenciado o local onde se encontra o registo destas outras crianças nos mesmos livros.

²⁵⁴ Registo de um dos casos em que uma criança é removida por estar “*mal criada*”: “*Tirase lhe o menino em dya de N. S da Natevi^{de} por mal criado e ficou na Roda[...]*” -Registo de Saída de Caetano- ADP- Livro 3 das Saídas fl.559.

A tutela da Casa da Roda sobre estas crianças podia terminar de modos distintos, como se pode observar na Figura 5. Estava determinado que, chegando aos sete anos de idade os expostos deixavam de estar sobre a tutela da Roda e iniciavam a aprendizagem de um ofício. No entanto, isto aconteceu em apenas 12% dos casos, existindo outros meios de terminar esta tutela. Evidentemente, a qualquer momento os familiares podiam procurar e retomar estas crianças, terminando deste modo a responsabilidade da Roda (7% dos casos). Além destes, com uma representatividade muito mais considerável, de 68%, existiam aquelas crianças cuja relação com a Roda terminava com a sua morte. Por fim, iremos ainda ter em conta os casos sobre os quais não possuímos informação, dado que o seu peso é considerável.

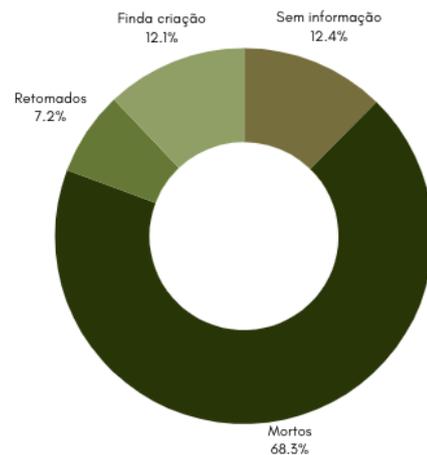


Figura 16- Diferentes formas de terminar a tutela da Roda

5.1- Morte

O quadro demográfico de toda a modernidade foi marcado por uma elevada mortalidade, em particular infantil, a qual o nosso espaço de estudo evidencia claramente.

A percentagem de crianças que morreram é elevada, correspondendo, para a totalidade do período em estudo a 68%. Ao longo dos anos este valor manteve-se estável e sempre em torno deste valor geral, com exceção do ano de 1705, onde 80% das crianças que deram entrada na Roda não sobreviveram (Fig.6). Existem, ainda que numa quantidade reduzida, crianças que eram deixadas na Casa da Roda já sem vida, com o objetivo, como muitas vezes aparece explícito nos bilhetes, destas receberem o funeral de forma gratuita²⁵⁵.

Ano	Entradas	Mortes	% Mortes
1700	105	68	65%
1701	190	128	67%
1702	158	108	68%
1703	189	119	63%
1704	173	110	64%
1705	183	147	80%
Total	998	680	68%

A maioria das mortes ocorria quando as crianças se encontravam a cargo de uma ama de fora (52%), o que não deve surpreender, uma vez que era nesta situação que a maioria das crianças se encontrava. Um grande número de crianças faleceu na Roda (40%), sem nunca ter saído para o

Figura 6- Relação entre o número de entradas na Roda e o número de mortes, por ano

²⁵⁵ Exemplo de um caso onde se pediu que fosse dado um funeral a uma criança falecida: “*Em 23 de 8b^o de 1701 entrou na Roda hum menino morto com o escrito seg^{te} – esta crianças está batizada já e se mande enterrar que he de hua molher pobre e m^{io} necessitada pede pelo amor de Deos o mandem enterrar*” Registo de Entrada de criança sem nome- ADP- Livro de Entradas N^o 1- fl. 225.

cuidado da ama de fora, portanto, num momento em que ainda seriam muito jovens. Existem, ainda, em número mais reduzido, crianças que morriam na Roda após regressarem do cuidado de uma ama e enquanto esperam ser entregues a outra cuidadora (8%). As fontes usadas para este trabalho não fazem referência a qualquer tipo de causa de morte. Sabe-se apenas que algumas crianças regressavam à Roda por estarem doentes e para receber tratamento²⁵⁶, não sendo descritas, no entanto, nenhuma doença ou sintomas em particular²⁵⁷.



Figura 18- Idades de morte das crianças que deram entrada na Roda, de acordo com as informações disponíveis nas fontes

A mortalidade infantil, possível de calcular apenas nos casos em que se sabia a idade que a criança teria na entrada na Roda, seguia os modelos demográficos típicos deste período, verificando-se uma maior mortalidade nos primeiros meses de vida, sobretudo até aos 3 meses, como se observa na Fig.7, a maioria delas com apenas dias de idade e, muitos deles, ainda antes de completarem o primeiro mês de vida. No que diz respeito à distribuição da mortalidade por sexos, a variação entre meninos e meninas não é muito considerável, existindo um número ligeiramente mais elevado de mortes do sexo masculino.

²⁵⁶Exemplo de uma criança que foi levada para a Roda por ter adoecido e que acabou por falecer: “*Trouxea á Roda doente em 28 de Agosto de 1701 ... e esta menina Inacia falaceu na Roda em o p^o de Setr^o de 1701*” -Registo de Saída de Ignacia- ADP- Livro 4 Saídas fl. 215.

²⁵⁷ No trabalho Sá, Isabel- *A assistência aos expostos no Porto. Aspectos institucionais (1519-1838)*, a autora aponta como causas desta elevada mortalidade a falta de amas e de leite e as doenças infecciosas.

5.2- Procuras e Retomas

Era esperado que, em algum momento, sobretudo através das mensagens escritas que acompanhavam alguns dos expostos que davam entrada na Roda, que as crianças fossem retomadas pelos seus familiares e que, nesse momento, fosse feito o pagamento dos gastos com a criação destes. No entanto, os casos em que isto aconteceu foram reduzidos, registando-se apenas a retoma de 73 crianças, nos anos em estudo, aos quais se adicionam mais três casos de mães que procuraram os seus filhos após estes já terem falecido. No que diz respeito aos pagamentos da criação destes expostos, esta informação não surge mencionada na maioria das situações, existindo apenas a referência a três mães que reembolsaram as despesas com os seus filhos, e um caso no qual uma mulher foi dispensada de pagar devido à sua condição de pobreza.

Um outro aspeto que se deve ter em consideração e que pode ser revelador, era o tempo que estas crianças passavam sobre os cuidados da Roda antes de serem procuradas pelos seus familiares. Ainda que existissem casos em que as crianças estiveram longos períodos na Roda antes de serem retomados, a maioria delas foi procurada pouco tempo depois de ser exposta, poucos dias ou no dia a seguir à exposição. Esta ocorrência poderá ser interpretada como resultado de algum tipo de arrependimento ou incapacidade de separação destas crianças, e poderá evidenciar, também, a força das relações afetivas.

A esmagadora maioria das pessoas que procuraram estas crianças foram as mães²⁵⁸ (58 dos 73 casos), sendo que apenas cinco foram procuradas apenas pelo pai e um caso a criança foi retomada pelo pai e pela mãe, em conjunto. Verificaram-se, ainda, situações em que estas crianças foram procuradas por outras pessoas, sem que fosse referida nenhuma relação familiar (em nove registos), o que não exclui a possibilidade de o serem. Finalmente destaca-se, ainda que seja uma realidade um pouco distinta da procura de uma criança pelos seus familiares, a existência de um caso onde ocorreu uma adoção literal. Este caso merece particular destaque e atenção uma vez que, ao contrário dos sistemas atuais, a Casa da Roda não possuía um mecanismo de adoções, nem procurava encontrar pais adotivos ou novas famílias para estas crianças²⁵⁹. Neste caso, por algum motivo, um casal que não possuía filhos assumiu o cuidado e os custos da

²⁵⁸ Destaca-se ainda que, em alguns destes casos, as mães destas crianças eram as amas que delas cuidaram.

²⁵⁹ ADP- Livro 5 Saídas fl.409.

criação de uma menina exposta, embora não se descarte a hipótese de ser filho ilegítimo de um dos cônjuges.

Sabe-se que, apesar da exposição ser anónima e que não deveria existir nenhum tipo de contacto entre familiares e crianças, na realidade tal não acontecia. Existiam redes de contacto com as amas, o que permitia aos familiares saberem quem eram os seus filhos e onde se encontravam. Sabendo da localização e as condições em que estavam estas crianças, os familiares não tinham um motivo para os procurarem pelas vias formais e as retomarem, especialmente porque ao fazerem isso era esperado que lhe fosse exigido o custo da criação. Evidência desta realidade, é o registo de uma referência direta ao facto de a ama de fora saber quem a era a mãe da criança que cuidava, bem como existirem casos em que os pais procuraram as crianças diretamente na casa das amas²⁶⁰.

5.3- Fim da Criação

Aquelas crianças cuja morte passou ao lado, e que não foram procuradas por algum familiar, acabando por completar os sete anos de idade, eram consideradas como tendo passado a não mais estarem a tutela da Roda e terminada a sua criação, sendo que, para os anos em estudo, esta foi a realidade de 115 crianças. Neste momento, pouco mais de metade destas crianças, 54%, acabaram por ficar no poder das amas que as criaram, muitas vezes durante anos, se não mesmo a totalidade das suas vidas. Curiosamente, existiram ainda dois casos nos quais estas crianças ficaram sob o poder dos maridos das amas. Existiram, também, alguns expostos que passaram para a tutela de alguns indivíduos, que por algum motivo demonstram interesse neles, como é o caso de um padre, um lavrador e um alfaiate, sendo que neste último registou a intenção de ensinar o ofício à menina e não a um menino, como seria expectável. Destaca-se, ainda, um caso particular de um menino que, por possuir uma deficiência certamente motora, ficou ao cuidado da ama de fora até aos oito anos de idade, e posteriormente passou para o Hospital dos Entrevados²⁶¹, como seria comum em casos deste tipo. Por fim, os restantes 41% dos que chegam ao fim do período de cuidados da Casa da Roda não possuem, nos seus registos, nenhuma especificação do que lhes aconteceu posteriormente, podendo-se

²⁶⁰ Um dos casos em que isto se verifica: “*Por notícia certa se sabe q a may desta criança foi a caza desta ama para levar a minina [...]*” - Registo de Saída de Maria- ADP- Livro 5 Saídas fl.154.

²⁶¹ “*Por ordem da meza se mandou continuar mais hu anno este engeitado sem embº de se acabar os sete annos por ser mtº doente e aleijado [...]*” “*Este menino he aleijado e por ordem da Meza foy pº o Hospitals dosn entrevados*” - Registo de Saída de Sebastião- ADP, Livro 4 Saídas fl.202 e 202v.

assumir que, provavelmente, tinham cumprido o destino previsto e iniciado a aprendizagem de um ofício.

5.4- Casos sem informação

Como se pode observar na Figura 5, existe uma quantidade considerável de crianças cujos destinos não conhecemos, por diferentes motivos. Uma das razões prende-se com a falta de registos, porque, em vários casos, as folhas dos registos de Saída não se conservaram, impossibilitando saber o que aconteceu a algumas destas crianças. Um outro problema relativamente comum tem que ver com o facto de alguns destes registos estarem incompletos. Em várias situações, o registo de saída menciona a entrega de uma criança a uma ama e, após este, não volta a aparecer mais nenhuma informação. Uma possível explicação para o que acontece em alguns destes casos surgiu num dos registos de saída, num relato arrepiante: *“Esta ama M^a Glz chamada a Camona q mora em perozinho e não em Sermonde tem feito com os inocentes engeitados inauditas insulencias, levando mt^{os} e tornando os a trazer a Roda trocando os nomes das amas e as terras de tal modo que indose a procurar as crianças se não acharão nem noticias de taes nomes de amas; com q he neces^o m^{ta} advertencia com esta malevola mulher”*²⁶², ou seja, uma mulher que se apresentava na Roda com diversas identidades, levando consigo várias crianças das quais se perdeu o paradeiro.

Existem, ainda, casos nos quais as crianças eram roubadas das casas das amas por alguém, hipoteticamente pelos progenitores que as pretendiam retomar sem terem de passar pelos meios oficiais, perdendo-se a informação do que aconteceu verdadeiramente com elas²⁶³.

6- Redes afetivas

Os sentimentos, as emoções e as redes afetivas são algo de grande complexidade, na atualidade, do mesmo modo que seriam no passado. No entanto, no estudo e compreensão destes aspetos no passado, deparamo-nos com dificuldades acrescidas, dado que as fontes diretas e que se focam nestes aspetos são reduzidas, não chegando até nós

²⁶² Registo de Saída de Manuel- ADP, Livro 5 Saídas fl. 75.

²⁶³ Como é exemplo o que acontece com Maria *“Furtarao esta criança em 17 de Julho de 1703, sem se saber quem”* Registo de Saída de Maria- ADP, Livro de Saídas n° 4, fl. 259.

amplios e detalhados vestígios destas realidades. Apesar disto, procuraremos, com base em alguns vestígios e elementos que, alguns mais outros menos diretamente, nos podem elucidar para estas dimensões e permitir explorar um pouco sobre quais poderão ter sido as várias vivências emocionais das pessoas envolvidas no processo de exposição e no posterior cuidado destas crianças. Estamos conscientes de que o que é considerado ter um sentido emocional no presente não corresponder ao mesmo no passado. Metodologicamente, recorreremos a trabalhos de psicologia realizados no presente, de modo a tentar compreender alguns processos psicológicos, mantendo sempre a devida distância dado que este tipo de investigação não tem em conta os contextos históricos particulares desta realidade.

6.1- Famílias Biológicas

Parece pertinente iniciar esta exploração com as famílias de onde provinham as crianças que eram expostas, de modo a compreender o lugar da criança neste contexto, como estas eram vistas, que tipo de relações existiam e as motivações e impactos que a sua exposição teve. Ainda que, devido ao anonimato e secretismo que existia em torno destes processos, não exista informação das famílias da maioria das crianças que entrava na Roda, possuímos diferentes modos de estabelecer relações com estes e de obter uma visão das suas perceções.

De modo a compreender o tipo de relações que existiam entre os familiares e as crianças que eram expostas, é necessário compreender os motivos que levariam as famílias a tomarem a decisão de deixarem uma criança. Tendo em conta o contexto em que esta realidade se desenvolveu, por um lado, era quase expectável que um filho fruto de uma relação onde uma das partes fez votos de castidade, assim como crianças que fossem resultado de relações fora do casamento ou de mães solteiras, fosse exposto por pôr em causa a honra dos seus pais e famílias. Por outro lado, se as condições económicas se degradavam e se tornava mais difícil sustentar uma criança, isto poderia conduzir ao aumento de crianças a darem entrada na Roda, sobretudo em momentos críticos de exposição à pobreza.

Dado que o anonimato era uma parte central deste processo, e que não era esperado que os familiares justificassem o porquê de deixarem uma criança na Roda, esta não era uma informação que surgia com frequência, com exceção das crianças que vinham por *ordem da meza*, onde sugere uma pequena explicação do motivo que levou a criança

à Roda, como já atrás referimos. Ainda que fossem poucas as menções dos motivos para a exposição das crianças, em alguns casos, os bilhetes incluíam esse tipo de informação ou aspetos que nos permitem chegar às motivações e, de facto, estes tendem a corroborar que a legitimidade e as condições económicas seriam os principais motivadores. Apesar de a falta de afeição ou desinteresse por estas crianças não sejam de excluir como uma justificação para a sua exposição, verdadeiramente não podemos excluir essa possibilidade.

6.1.1- Bilhetes

Um dos elementos que pode ser usado para explorar estas redes afetivas, sendo uma fonte excecional para explorar estas temáticas, de contacto direto com as famílias biológicas dos expostos, são os bilhetes que eram deixados com as crianças no momento em que estas eram expostas na Casa da Roda. Como referido anteriormente, uma quantidade considerável de crianças (48% das que dão entrada, o que equivale a 478 bilhetes) trouxeram consigo um escrito. Se o nosso foco será a análise destes, é, necessário refletir sobre as razões do silêncio dos restantes casos. Esta ausência de registos não deve, por si só, ser interpretada como menor preocupação ou interesse com estas crianças, podendo haver várias condicionantes, como o não domínio da escrita ou a proximidade de alguém capaz de escrever, ou outros contextos particulares que poderiam impedir que fosse deixado algum escrito. Por outro lado, sabe-se que alguns dos escritos resultavam de mensagens orais passadas às amas quando as crianças eram entregues na Roda, mas a verdade é que nem sempre eram os próprios familiares a levarem as crianças ou nem sempre aquelas mensagens foram entregues ou registadas.

Foquemo-nos nos escritos, sendo que, na maioria dos casos, tendia a seguir uma estrutura estereotipada. Em 89% dos casos registava-se o nome que se pretendia que fosse dado à criança. Este ato de expressamente dar um nome, pode ser entendido como uma marca de identidade particular e individual a estas crianças, de continuidade familiar, mesmo sem a família biológica presente.

Nestes bilhetes, o batismo surge como algo que tem uma importância considerável. Relativamente a esta categoria de informação, a referência a se estas crianças iam ou não batizadas era um aspeto que surge em 76% dos bilhetes, e ainda a menção a que aquela criança recebesse este sacramento, porque ainda o não tinha sido (8% dos casos). A razão para esta referência revela o contexto de religiosidade

comunitária, preocupação que ia além do terreno e do bem-estar físico destas crianças, essencial na salvação eterna da alma destas crianças (Lopes, 2002).

A preocupação com o bem-estar físico destas crianças, bem como com o tratamento e o cuidado que estas recebiam, possuía uma representatividade similar à anterior e reveladora de profunda preocupação afetiva, usando expressões mais concretas como: “[quem] que esta criança criar a pode criar com estima [...]”,²⁶⁴ de bom trato em 79% dos bilhetes. Nalguns dos casos faziam referência a aspetos mais específicos e a certas características que gostariam que as amas possuíssem²⁶⁵ (em 11%).

Um dos principais objetivos em deixar com estas crianças um bilhete era de lhes atribuir um elemento identitário, para que fosse possível saber quem estas crianças eram especificamente, para se distinguirem de tantas outras. Isto torna-se evidente nas descrições que alguns destes bilhetes faziam dos objetos e enxovais que consigo traziam (presentes em 6% dos bilhetes) e dos sinais (em 19%) destas crianças e nos pedidos expressos para que fosse feito um registo destes (em 12% dos bilhetes). Alguns destes escritos pediam que fosse feito o registo para onde estas crianças eram levadas e as amas com quem estavam (5%), sendo ainda referida, com expressiva frequência (55%) a intenção de recuperar estas crianças, sendo que alguns deles afirmavam a intenção de pagar os gastos da criação destas (17%).

Um outro aspeto relaciona-se com a santidade do amor, em expressões como “[...] seja tudo p^{lo} amor de Deos”²⁶⁶. Ainda que estas aparecessem numa quantidade pouco representativa dos bilhetes (apenas 7%), o significado e impacto que uma expressão deste tipo teria é central quando exploramos o campo dos afetos. As referências diretas ao amor são extremamente reduzidas, apenas em 3 casos na totalidade dos bilhetes analisados, sendo todas dentro do mesmo género, exprimindo o afeto profundo pela criança exposta “[...] e a criem com amor [...]”²⁶⁷.

²⁶⁴ Registo de Entrada de Maria - ADP- Livro de Entradas Nº 1- fl. 309v.

²⁶⁵ Tipo de pedidos comuns relativamente às amas: “[...] mandarão criar esta criança a huma ama q seja limpa[...]” - Registo de Entada de Ignácio- ADP- Livro de Entradas Nº 1- fl. 307.

²⁶⁶ “[...]” - Registo de Entrada de Ambrozio- ADP- Livro de Entradas Nº 1- fl. 183v.

²⁶⁷ Neste contexto destaca-se a citação usada no título deste trabalho: - Registo de Entrada de Antonia- ADP- Livro de Entradas Nº 1- fl. 310v.

Como já se mencionou atrás, a escrita de alguns destes bilhetes é indireto, tanto porque eram ditados por um membro da família a uma pessoa que soubesses escrever, que podia, por sua vez, não exprimir exatamente o que lhe era dito, mas também porque o acesso que temos a eles é possível através das transcrições que foram feitas para os Livros de Entrada pelos provedores da Roda quando se fazia o registo da criança. É provável que em alguns casos houvesse uma manipulação dos conteúdos destes bilhetes, que pretendia suscitar compaixão, ou então atribuir às crianças e a sua família um estatuto de maior dignidade, com o intuito de tentar assegurar que a criança em questão recebia um melhor cuidado dentro desta instituição.

6.1.2- Sinais, Enxovais e outros Objetos

Os sinais eram deixados com as crianças que entravam na Roda com o propósito de servirem de elementos específicos para que no futuro fosse possível identificar estas crianças quando os familiares as procurassem. Os sinais correspondiam a um conjunto diversificado de objetos, desde pequenas fitinhas atadas aos membros das crianças, um elemento que aparece com bastante frequência, até medalhas ou peças de roupa, podendo ainda ser utilizados outros elementos, como o próprio registo de entrada da criança, os seus nomes ou alguma outra informação que por vezes aparecia contida nos bilhetes, senão mesmo a natureza dos próprios bilhetes em si. Apesar de não termos tido oportunidade de explorar em maior detalhe este aspeto, a tipologia destes objetos poderia ser reveladora das condições e contextos económicos e sociais das famílias de origem.

Se, neste momento, apenas tivéssemos considerado como sinais os elementos que são diretamente descritos como tal, quer pelos bilhetes ou pelos provedores que faziam o registo, estaríamos perante um valor reduzido, que não seria representativo da realidade, uma vez que existem outros elementos identificadores que não são referidos como tal, mas que possuem essa função. Na análise que decidimos usar para este trabalho, considerarmos sinais não só aqueles objetos que são identificados como tal por quem escreve o registo ou nos casos em que é assim designado nos bilhetes, mas também os próprios bilhetes, assim como os enxovais ou outros objetos deixados com estas crianças. Assim, verifica-se que em 53% dos casos estavam presentes alguns elementos identificadores. Levando esta aceção ao extremo, se tivermos em conta que qualquer registo de entrada, mesmo que não seja deixado nenhum pedido explícito para o fazer, pode servir de sinal e elemento identificador, então a totalidade destas crianças possuía um elemento de identificação, não podia passar despercebida.

Nesta aceção, consideramos que, de facto, existe uma preocupação em atribuir a estas crianças elementos identitários particulares que permitissem a distinção entre si destas crianças, com o intuito de as procurar e retomar em algum momento da sua vida – a esperança estava presente. Por outro lado, não podemos deixar de considerar a existência de casos em que os expostos eram deixados sem nenhum tipo de componente identificador (com exceção dos dados de entrada) o que também poderá ser lido como uma falta de estima ou interesse em reconectar com estas crianças, por parte dos familiares.

Relativamente aos enxovais e outros objetos que eram deixados com estas crianças no momento da exposição, embora variados, havia, no entanto, uma predominância de peças que seriam para o uso quotidiano, como roupas ou cueiros, que surgem descritos com algum detalhe. A presença destes significa que não eram meras peças de roupa, sendo indicadores de uma preocupação com o bem-estar destas crianças e dar-lhes algum tipo de conforto e comodidade. Contudo, a ausência destes poderá significar despreocupação com a criança, mas terem existido condicionantes que não permitiram a sua conservação ou apenas alguns tinham capacidade económica para assegurar que eram deixadas estas peças.

Como Dixon menciona, “a single material object can bear testimony to an extraordinarily complex emotional history” (2023, 117), e, tendo em conta os aspetos acima mencionados, esta complexidade torna-se evidente.

6.1.3- Procuras e Retomas

As retomas das crianças e os moldes em que estas ocorrem podem também ser um elemento que nos pode ajudar a compreender a forma como as relações entre os familiares e estas crianças eram experienciadas. Para o período de 1700 a 1705, o número total de expostos que foram procurados é reduzido, verificando-se apenas 73 ocorrências, sendo que uma parte considerável aconteceu no mesmo dia ou alguns dias após a exposição destas crianças como já atrás comentámos. A realidade presente não é assim tão simples de justificar.

Como anteriormente mencionado, existem provas de que as famílias sabiam onde estavam estas crianças, ao longo dos seus percursos, ou se estavam vivas. Com efeito, considerar apenas a retoma de uma criança como sinal de afeto não é suficiente, porque amar podia ser apenas preferir entregar a outros cuidadores.

6.2- Amas e seus contextos familiares

Tanto as amas de fora que cuidavam destas crianças, como as suas famílias, surgiam como o principal exemplo, senão o único, de um contexto familiar em que estas crianças desenvolveriam uma dinâmica relacional. O tipo de relações que se poderiam desenvolver podia variar consideravelmente, sendo determinada por um conjunto complexo de fatores, sendo, por essa razão, difícil de caracterizar e definir de forma clara.

Um aspeto que poderia ter influência no tipo de relações que eram estabelecidas com estas crianças prende-se com a motivação para uma mulher, e a sua respetiva família, ser ama de leite. Evidentemente, a motivação económica tinha um peso considerável, sendo uma fonte de rendimento complementar para o agregado, a par de surgir com alguns outros benefícios e privilégios. Sabe-se já que, de modo a atenuar a permanente falta de amas, foram concedidos vários privilégios, em particular para os maridos e filhos das amas (Sá, 1987). A par disto, enquanto estas mulheres amamentavam uma criança aumentavam os intervalos intergenésicos, adiando a possibilidade de engravidar, sendo que, como alguns autores sugerem, a escolha desta ocupação poderia surgir também como uma estratégia familiar. Por outro lado, em alguns casos, existem evidências destas crianças expostas terem sido integradas nestas famílias como substitutos de um filho que tivesse morrido (Sá, 1994). Estas diferentes motivações eram determinantes para o significado que os expostos teriam para as amas e seus familiares, e, por sua vez, teriam implicações no modo como estes indivíduos se relacionariam com estas crianças e o tipo de conexões que poderiam desenvolver.

A amamentação, função predominante destas amas, no período inicial da vida destas crianças, tinha um papel importante não apenas em termos de alimentação e desenvolvimento físico, mas também das relações entre ambas as partes. Sabe-se que a amamentação e o contacto físico direto entre a pessoa que amamenta e a criança é um momento importante para o estabelecimento de relações, provocando mudanças psicológicas que incitam o instinto de cuidar na lactante e são fonte de conforto para a criança (Gribble, 2006).

Estudos realizados na atualidade revelam a existência de um ciclo de ligação, entre uma criança e os seus cuidadores. Estas relações vão-se desenvolver de modos distintos e a velocidades que variam, de acordo com as crianças e os cuidadores envolvidos, sendo

necessária a existência de tempo e oportunidades para o florescimento destas relações (Lee, 2006).

Quando olhamos para as realidades que aqui estudamos, parece também fundamental ter em conta alguns destes aspetos. Posto isto, o período de tempo que uma criança passava com a ama seria um elemento determinante para o desenvolvimento de algum tipo de ligação, assim como o tipo de ambientes e os contextos familiares em que se encontravam, o tipo e qualidade dos cuidados que recebiam e, evidentemente, as características particulares de ambas as partes. Estamos, então, perante uma realidade extremamente complexa, onde cada caso teria de ser considerado individualmente para compreender de que modo se estabeleciam relações entre as famílias das amas e os expostos que nelas se integravam. Na impossibilidade de realizar tal trabalho, procuraremos apenas uma reflexão em torno de possibilidades a explorar.

Alguns dos dados disponíveis parecem apontar para que, de facto, se desenvolvessem relações afetivas e profundas com estas crianças. Alguns expostos passaram longos períodos de tempo com as amas e suas famílias, havendo espaço para que se desenvolvessem relações. O facto das amas acabarem por, quando findava a criação dos expostos aos sete anos de idade, continuarem a cuidar destas crianças e assumirem a responsabilidade por elas, pode evidenciar que, de facto, existiria alguma ligação com estas. Por outro lado, não podemos esquecer que com esta idade, e mesmo antes, estas crianças trabalhavam, e podiam contribuir com mão de obra e serem fonte de algum rendimento nestas famílias, motivando, assim, a sua permanência. Em contrapartida, ainda que, de facto, várias amas cuidassem destes expostos após chegarem aos sete anos, também existe um número considerável de amas que não o fez e noutros casos surgem referências a que estas crianças se encontravam *mal criadas* o que parece sugerir alguma indiferença e despreocupação.

6.3- Vivências das Crianças

Os protagonistas centrais deste trabalho são as crianças expostas, apesar de até agora nos termos focado em aspetos e características mais externas e nos indivíduos com os quais estas se relacionam, ao longo da sua passagem pela Roda. No entanto, e como

diversos autores defendem²⁶⁸, é necessário escrever e apresentar a história da infância, não apenas a partir das perspectivas e representações que eram transmitidas e construídas por adultos, mas ter em conta as experiências particulares da criança em si, e o modo como estas viviam e se posicionavam dentro de uma realidade. Exatamente procurando aproximar-nos de uma vertente que coloca a criança como um sujeito histórico ativo, iremos tentar, com base na informação existente, e sem divagar demasiado para o campo da especulação, explorar o impacto que a exposição e todo o processo de passagem na Roda poderia ter nestas crianças.

A separação de uma criança do núcleo familiar de onde provinha, em particular a separação da figura materna, seria um momento crucial que devemos ter em conta. O impacto que isto possui variar de acordo com a idade das crianças que eram expostas, dado que uma criança com alguns anos de idade, que reconhecia e possuía relações já estabelecidas com os indivíduos da sua família biológica, estaria consciente desta separação e experienciava esta de forma mais intensa, enquanto um bebé, com apenas dias de idade, ainda que fosse impactado pela separação, principalmente da sua mãe, não sentiria esta separação do mesmo modo e com a mesma intensidade.

A questão da integração num novo núcleo familiar teria grande importância para o desenvolvimento da criança. A existência de um ambiente estável, onde estas crianças recebessem cuidados apropriados e carinho, seria ideal para o desenvolvimento dentro do que seriam os padrões normais. No entanto, como vimos acima, em alguns casos estas crianças saltavam de ama em ama, o que rompia o ciclo de ligação e criava instabilidade, assim como as situações em que se encontravam *mal criadas*, afetaria negativamente a criança. Por outro lado, a presença em vários núcleos familiares e contextos ao longo da vida pode ser visto como algo positivo para estas crianças, que, tendo de se adaptar e relacionar com pessoas diferentes teriam uma experiência emocional mais enriquecida²⁶⁹.

²⁶⁸ Neste contexto pode-se destacar Cook, Daniel- *Embracing Ambiguity in the Historiography of Children's Dress. Textile History. Vol. 46, n° 1 (2011) p. 7-21*, que reflete acerca da criança e do seu papel no estudo e escrita da história, em particular, da perspectiva do vestuário infantil.

²⁶⁹ Anna Hansen menciona no seu trabalho, *Bonds of Affection between Children and Their Foster-Parents in Early Icelandic Society*, o modo como as trocas e presença destas crianças em vários núcleos familiares seria uma experiência positiva e enriquecedora, ainda que num contexto distinto do que estudamos neste trabalho.

Assim sendo, apresentamos aqui algumas das diversas condicionantes e variáveis que poderiam ter impacto na vida e vivências destas crianças, podendo marcar o modo como esta se desenvolvia emocionalmente e cognitivamente e o modo como estas se relacionariam com os outros e a sua forma de ser ao longo da vida. Mais uma vez, tendo em conta as informações existentes, é difícil averiguar, de facto, qual a dimensão destes impactos, sendo que seria necessário explorar e conjugar diversas outras fontes de informação para compreender os percursos de vida destes expostos na sua maioridade e procurar averiguar se, e quais, poderão ter sido os impactos que estas diversas realidades e experiências poderão ter tido nas suas vidas a longo prazo.

Conclusão

A Casa da Roda do Porto, instituição cujo objetivo era socorrer e cuidar de crianças que, por algum motivo, eram removidas do seu contexto familiar, surge como um palco onde podemos observar fenómenos e dinâmicas sociais, redes de sociabilidade e uma complexa rede de laços que se procurou analisar em que medido apresentavam sinais de afetividade.

A partir das fontes usadas, e ainda que estas possuíssem, foi possível traçar algumas tendências da exposição destas crianças. Tendo em conta que o período em estudo é curto, os resultados foram limitados, não sendo possível fazer uma abordagem que permita ver grandes mudanças ou padrões. Apesar disto, é possível identificar algumas características. Verificamos que, no início do século XVIII, se verificou um aumento no número de crianças que deram entrada nesta instituição, fruto das realidades económicas e sociais que tornaram as condições de vida mais difíceis. A mortalidade infantil, reflexo das tendências demográficas da época, era elevada, e uma quantidade considerável das crianças que entraram na Roda acabaram por falecer, muitas pouco depois de entrar nesta instituição, ainda muito jovens, evidenciando a fragilidade da vida destas crianças.

Os expostos que sobreviveram, passaram para o cuidado de amas, aspeto que, infelizmente não existiram condições de explorar em mais detalhe, mas que um estudo mais aprofundado seria essencial para complementar as visões desta realidade. Apesar disto, torna-se evidente que a passagem por estas amas era distinta e particular para cada criança. A procura e retoma de crianças possuía uma representatividade reduzida, como

vimos, em parte porque a maioria das crianças morria antes de haver possibilidade de serem retomadas, mas também devido à existência redes de ligações e conhecimentos dos familiares que permitiam saber onde e como estavam estas crianças, desincentivando a sua procura pelos meios oficiais. Por fim, também em número reduzido, existem aquelas crianças que atingiram os sete anos de idade, terminando assim o período de tutela da Roda, e que terão iniciado a aprendizagem de um ofício, ou, em alguns casos, ficado a cargo das amas que delas cuidaram ou ainda de outras pessoas que, por algum motivo, demonstraram interesse nelas.

Por parte das famílias biológicas, parece errado assumir que a exposição destas crianças fosse uma verdadeira forma de abandono (tanto que nas fontes este termo não é utilizado), uma vez que os diferentes aspetos analisados nos sugerem que estas crianças não seriam vistas nem tratadas com indiferença ou desprezo, mas que, em muitos dos casos, pareceu existir um cuidado e preocupação com o seu bem-estar, físico e espiritual, bem como com os tratamentos que estas receberiam. Por parte das amas, únicas figuras maternais e contextos familiares que muitas destas crianças possuíam, parece natural que se tivessem formado relações entre estes. De facto, possuímos evidências que apontam para que, ao longo do tempo se formassem relações e se criassem laços entre estas crianças e as amas e suas famílias. No entanto, alguns outros dados apontam para a possibilidade de estas relações não serem assim tão sólidas, pelo menos, não em todos os casos.

As questões emocionais, aspeto central neste trabalho, são difíceis de interpretar ou de apresentar conclusões definitivas devido à grande complexidade das evidências e às inúmeras variáveis a ter em conta. Cientes destas dificuldades e complexidade, procurámos, ao longo desta pesquisa, apresentar sugestões e distintas possibilidades de interpretação. Efetivamente, o que aqui se encontra em estudo é o amor. Por tão raro, é um termo que ao longo deste trabalho foi propositadamente evitado, pela diversidade de significados e interpretações que pode ter, tanto na atualidade como no passado, mas principalmente por se referir a algo tão íntimo de cada indivíduo que seria difícil, a partir de uma perspetiva externa, como é a nossa, averiguar e afirmar se, de facto, é amor que se encontrava presente nestas relações, sendo um julgamento que entendemos que não podemos, ainda, reconstruir à escala daquele tempo.

Bibliografia

- ◆ Abreu, Laurinda- As crianças abandonadas no contexto da institucionalização das práticas de caridade e assistência, em Portugal, no século XVI. In Araújo, Maria Marta Lobo (org.)- *A Infância no universo assistencial da Península Ibérica (sécs. XVI-XIX)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2008. p. 31-49
- ◆ Alves, Patrícia; Moreira, Ana- Os expostos e Menores. In Amorim, Inês (coord.)- *Sob o Manto da Misericórdia (1668- 1820)*, vol. 2. 1º ed. Porto, Edições Almedina, 2018. p. 325-359
- ◆ Alves, Patrícia; Moreira, Ana- Proteger, Administrar e Financiar: o papel da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal na assistência aos expostos na cidade do Porto (séculos XVII a XIX). In *Culto, Cultura, Caridade. Atas do II Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto, Santa Casa Da Misericórdia do Porto, 2012. p. 315- 362
- ◆ Alves, Patrícia; Moreira, Ana- Zelar, Vigiar, Governar. Os Mecanismos de Controlo e Fiscalização na Casa da Roda do Porto no Século XVIII. In *A Solidariedade nos Séculos: A Confraternidade e as Obras. Atas do I Congresso de História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Lisboa, Alêtheia Editores, 2009. P. 163- 206
- ◆ Ariès, Philippe- *História social da criança e da família*; trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 38-86; 195-206; 245-341
- ◆ Ariès, Philippe; Duby, Georges (ed.)- *História da Vida Privada- Da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 305-321
- ◆ Badinter, Elisabeth- *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ◆ Barclay, Katie- State of the Field: The History of Emotions. *History*. Vol. 106, nº 371 (2021) p. 456-466
- ◆ Bornstein, Marc; et al.- Emotional relationships between mothers and infants: Knowns, unknowns, and unknown unknowns. *Development and psychopathology*, vol. 24, nº 1 (2012) p. 113-123.
- ◆ Cook, Daniel- Embracing Ambiguity in the Historiography of Children’s Dress. *Textile History*. Vol. 46, nº I (2011) p. 7-21

- ◆ Dixon, Thomas- *The History of Emotions: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2023
- ◆ Gribble, Karleen- Mental health, attachment and breastfeeding: implications for adopted children and their mothers. *International breastfeeding journal*. vol. 1, no. 1 (2006) p. 1-15.
- ◆ Hansen, Anna- Bonds of Affection between Children and Their Foster-Parents in Early Icelandic Society. In Broomhall, Susan (ed.)- *Emotions in the household 1200–1900*. New York: Palgrave Macmillan, 2008. p. 38-53
- ◆ Hespanha, Manuel- Carne de uma só carne: para uma compreensão dos fundamentos histórico-antropológicos da família na Época Moderna. *Análise Social*. Vol. XXVIII, nº 5-6 (1993) p. 951-973
- ◆ Leandro, Maria- Transformações da família na história do Ocidente. *Theologica*. Vol. 42, nº 1 (2006) p. 51-74
- ◆ Lee, Seung Yeon- A journey to a close, secure, and synchronous relationship: Infant–caregiver relationship development in a childcare context. *Journal of early childhood research*, 4, no. 2 (2006) p.133-151
- ◆ Lopes, Maria Antónia- Crianças e jovens em risco nos séculos XVIII e XIX. O caso português no contexto europeu. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 2 (2002). P.155-184
- ◆ Machado, Maria de Fátima- As crianças e os expostos. Amorim, Inês (coord.)- *Sob o Manto da Misericórdia (1499-1668)*, vol.1. 1º ed. Porto, Edições Almedina, 2018. p. 258-278
- ◆ Paulino, J. V.- A política assistencial face aos expostos. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 17, (2017) p. 211-228.
- ◆ Reis, Maria José da Cunha Porém- *Ler sinais: os sinais dos expostos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1790-1870)*. Universidade de Lisboa, 2016. Tese de Doutoramento
- ◆ Rosenwein, Barbara- *Problems and Methods in the History of Emotions. Passions in Context I*. Vol. 1 (2010) p. 1-32
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - *A assistência aos expostos no Porto. Aspectos institucionais (1519-1838)*. Porto: [Edição do Autor], 1987. Dissertação de Mestrado

- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - Abandono de Crianças, Infanticídio e Aborto na Sociedade Portuguesa Tradicional através das fontes jurídicas. *Penélope: revista de história e ciências sociais*. Nº 8 (1992) p. 75-89
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - A casa da Roda do Porto e o seu funcionamento (1710-1780). *Separata da Revista da Faculdade de Letras: História - II Série*, vol. 2 (1985)
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães- A circulação de crianças na Europa Meridional do Século XVIII: o exemplo da "Casa da Roda" do Porto. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. Vol. X: nº 3 (1992) p. 115-123
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - Abandono de Crianças, Identidade e Lotaria: reflexões em torno de um inventário. In *Inventário da Criação dos Expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, Santa Casa da Misericórdia, 1998. P. IX- XXII
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - Subalternas ou excluídas? O caso das crianças abandonadas no antigo regime demográfico. In Vaz, Maria João (org.) et al.- *Exclusão na História*. Lisboa: Celta, 2000. p. 41-51
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães - Trabalho de Mulheres e Economia Familiar: o Caso das Amas da Roda do Porto no Século XVIII. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*. Vol. XII, nº 2/3 (1994) p. 233-250
- ◆ Sá, Isabel dos Guimarães; Cortes, Nuno- A assistência à infância no Porto do século XIX : expostos e lactados. *Cadernos do Noroeste: sociedade, espaço, cultura* (1992) p.179-190
- ◆ Santos, Cândido- A população do Porto de 1700 a 1820: contribuição para o estudo da demografia urbana. *Separata da Revista de História - Vol. 1* (1978) p. 281-349

Fontes Primárias

- ◆ ADP- Livro de Entradas Nº 1 (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/002/0002)
- ◆ ADP- Livro 3 das Saídas (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/003/0105)
- ◆ ADP- Livro 4 Saídas (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/003/0106)
- ◆ ADP- Livro 5 Saídas (PT/ADPRT/ACD/CRPRT/AE/003/0107)